

Comunista não se ilude, trabalha

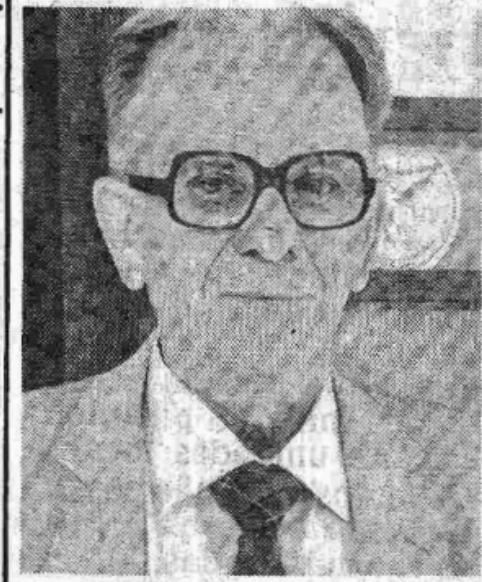
JEOVA FRANKLIN
Da Editoria de Política

Os comunistas brasileiros não querem saber de ilusão. Vêm com naturalidade o elevado índice de rejeição demonstrado pelo eleitorado de Brasília contra as siglas até recentemente clandestinas (PCB e PC do B), como fruto de vários anos de calúnias, de falsos dados, mentiras e da atuação da indústria anticomunista, que se tem demonstrado muito rendosa.

Giocondo Dias, presidente do diretório nacional do PCB, em passagem de dois dias por Brasília, declarou que considera as eleições na capital como uma conquista muito importante para a população brasiliense. Para seu partido, uma boa oportunidade de se dirigir a esse povo e dele ouvir as reivindicações e necessidades. Por isto, deseja ver em breve, aqui, eleições para governador.

Sempre comedido e sem arriscar prognósticos que não estejam fundamentados numa severa avaliação crítica, Dias acha que o candidato Augusto Carvalho, concorrente à Câmara dos Deputados pelo PCB, apresenta, segundo lhe contaram, boas chances de ser eleito e de ajudar a dobrar a bancada de seu partido no Congresso Nacional, atualmente composta por três parlamentares: um pernambucano (Roberto Freire), um paulista (Alberto Goldman) e um baiano (Fernando Santana).

Quanto ao candidato do Senado, Carlos Alberto Torres, a boa votação que ele diz esperar já será motivo de comemoração para os comunistas. A seu ver, o mais importante para o PCB, nas eleições de Brasília, foi a possibili-



Giocondo Dias

dade de organizar seu partido e de poderem os comunistas contribuir para o fortalecimento da frente democrática (Movimento Democrático de Brasília-MDB, formado pelo PMDB, PS, PCB e PC do B).

Segundo Giocondo Dias, seu grande sonho é ver uma Assembléa Nacional Constituinte formada em sua maioria por democratas, para que se possa elaborar uma Carta Magna que signifique uma conquista popular que abra espaço para os trabalhadores lutarem por suas reivindicações para que o povo possa defender os seus direitos.

Na avaliação do presidente do PCB, a Nova República ainda é muito relativa, mas bem melhor que o regime militar. Exatamente por isto, deseja que o Governo José Sarney tenha sucesso nessa fase de transição democrática. "No caso de insucesso", pergunta ele, "quem viria para o lugar dele?".

Em sua ótica, Brasília, está se firmando cada vez mais como a capital política do País, enquanto o Rio assume a posição de capital cultural e São Paulo a de capital econômica. Cada uma com condições concretas, distintas, principalmente no que se refere à disputa eleitoral.